

Robin

Boa Vista, 28 de fevereiro de 1985.

Ilmo. Sr.
Sebastião Amâncio da Costa,
Delegado da 10a. D.R. da FUNAI.
Boa Vista - RR.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Data	___/___/___
Cod.	YAD00442

Senhor Delegado,

Reiterando nossa conversa de ontem na 10a. Delegacia em companhia de Cláudia Andujar (Coordenadora da CCPY), transmito a V.Sa. que na viagem de retorno do período de 43 dias de trabalho de campo junto aos Xiriana dos rios Ericó e Uraricaá, tive oportunidade de esclarecer alguns pontos quanto à presença de garimpeiros na Área Indígena Yanomami. Dúvidas quanto à presença ou não de atividades garimpeiras acima do Igarapé Pacasibi ao longo do Rio Ericó⁽¹⁾ já se apresentavam anteriormente ao Encarregado do Posto de Vigilância, Paulo M. da Silva, visto que ruídos de motores eram ouvidos com frequência nas proximidades daquele Posto.

Os próprios índios já manifestavam preocupação quanto à presença de garimpeiros na área, pois muitos entre eles, indo ou voltado de canoa a Boa Vista, tinham observado suas atividades num local chamado "Cabeça", logo abaixo do Igarapé Topi. Tais informações foram corroboradas pelo piloto da FUNAI, Marinho, em 29/janeiro, que viu motores garimpeiros no rio Ericó a 5 Km do Posto, em linha reta.

A área do Igarapé Topi é bastante conhecida dos Xiriana, visto que várias das famílias que moram nas malocas dos rios Ericó e Uraricaá habitaram-na até cerca de 2 anos atrás, quando, sentindo-se ameaçados pela presença constante dos garimpeiros, mudaram-se rio acima.

Sem o mínimo equipamento adequado e seguro, e sem pessoal disponível, o Encarregado do Posto encontrava-se até a data de minha saída - 23/2/85 - impossibilitado de cumprir a contento sua missão de vigilância da área indígena. Ademais, a informação do Batalhão Especial de Fronteira (BEF), em 14 de fevereiro, após o 6º sobrevôo de helicóptero em 2 dias, transmitida ao Encarregado do P.V. e à nossa equipe de pesquisadores (Alcida Rita Ramos, Gale G. Gomez e Marco A. Lazarin) informava que "nada constava além de Santa Rosa", concluindo pela não confirmação das informações anteriores. Esta informação foi aceita com reservas pois nos dias seguintes, os ruídos de motores voltaram a ser ouvidos.

Comissão pela criação do Parque Yanomami

Em 23/2/85 deixei o PV Ericó, rumo a Boa Vista, viajando de canoa em companhia de Isaiás, habitante do Surubai, e do Xiriana Célio. Isaiás é descendente de Xavante (região de Sossego - Goiás) e vive há 15 anos naquela região. Ex-garimpeiro, casou-se com uma mulher Xiriana (filha de Marinho) do Surubai, onde vive, e com quem tem 3 filhos.

Tendo em vista suas dificuldades para deslocar-se até a área de onde provinham notícias de garimpeiros, o Encarregado do P.V. solicitou-me que colaborasse com a FUNAI, observando a presença ou não dos garimpeiros na área e que posteriormente relatasse a V.Sa. as informações coletadas.

Dessa forma, levo ao conhecimento de V.Sa., que no rio Ericó à esquerda de quem desce, pouco abaixo do Igarapé Topi, a cerca de 4 horas e meia de canoa, encontra-se o porto do Garimpo Cabeça. Ali deixamos as canoas que nos transportavam (2 delas Isaiás trazia para vender aos garimpeiros) e após 20 minutos de caminhada por picada bastante usada chegamos à área do garimpo. Não foi possível saber o número exato de barrancos e barracões na extensa área em volta de um igarapé represado e desviado em torno de grotas com mais de 5 metros de profundidade. Pode-se afirmar, todavia, que cerca de 40 a 50 homens trabalham nas redondezas, e só no barracão onde pernoitamos, 8 homens trabalhavam como meia-praça. Os direitos dos barrancos teriam sido adquiridos algum tempo atrás por 3 milhões de cruzeiros e o preço atual seria pelo menos 10 vezes maior. Segundo os próprios donos desses serviços enfatizaram, eles estão ali há 4 anos. Todavia, não há indícios concretos de sua presença na área há tanto tempo; conforme pude constatar, somente agora terminou-se de brocar uma área para o plantio de roça de milho, macaxeira e banana.

Pernoitamos ali de 23 para 24, e no dia seguinte cedo retomamos a descida do rio. Três horas abaixo, chegamos ao porto da Pista de Pouso do Santa Rosa, localmente conhecida como "Pista" ou "Xicuti" (referência ao primeiro cantineiro que ali se instalou).

A "Pista " ou "Xicuti" está localizada à margem esquerda do Rio Ericó e como pude observar, fica acima do Igarapé Pacasibi, fronteira da Área Indígena Yanomami naquela região. Os taxi-aéreos pousam ali várias vezes ao dia, transportando garimpeiros, maquinários e mercadorias, diretamente aos donos de serviço ou às 2 cantinas, restaurante e farmácia ali instalados. Num cálculo aproximado, feito por um dono de cantina, frequentam aquela pista de pouso mais de 150 homens, todos garimpeiros de gro-

tas próximas, além de algumas prostitutas.

Algumas dessas grotas têm sido exploradas ultimamente por maquinários caríssimos, ressaltando-se, entre outras, uma exploração que fica entre o Cabeça e a Pista de Pouso, à direita de quem desce o Rio Ericó. Seus proprietários possuem 2 conjuntos de maquinários (com uso de jatos d'água para desmonte e lavagem de cascalho simultâneo) no valor de 40 milhões de cruzeiros cada, trazidos recentemente de Rondônia. Conforme depoimento de um desses proprietários, o retorno do capital investido nas suas grotas, equipamentos e pessoal tem sido muito baixo, deixando claro o seu interesse em fazer "visitas" rio Ericó acima, com objetivo de pesquisa mineral.

Ainda segundo informações de um dos cantineiros, uma segunda pista de pouso, conhecida por Garimpinho, está localizada abaixo do Igarapé Paçasibi e em torno dela, flutuam cerca de 50 garimpeiros.

Conclui-se pois, que grande parte da região conhecida por Sante Rosa, penetrou a Área Indígena Yanomami há já algum tempo, e que para ameaça das populações indígenas do Ericó, Uraricaá e Surubai, não pretende permanecer onde está agora, espraiando-se rio acima. Pesquisas feitas por garimpeiros - às vezes testemunhadas pelos Xiriana - tanto pelo leito do rio, quanto por dentro da mata, indicariam a viabilidade econômica de ocorrências de ouro e possivelmente, diamante. O esgotamento mineral que parece estar chegando os garimpos de Santa Rosa, indicado de um lado pelos comerciantes da Pista como tempo de "decadência", e de outro, pela inexistência de "bamburros" (encontro de grandes veios), sugere um breve deslocamento das explorações garimpeiras para partes da área indígena ainda não atingidas.

Ante o quadro acima, isto é, presença garimpeira na área indígena próxima ao PV Ericó, e ainda mais grave, com perspectivas de expansão e conseqüentes prejuízos para as comunidades indígenas da região, permito-me colocar alguns pontos, a título de sugestão:

1- que, a curto prazo, a FUNAI, através do PV Ericó, consolide o programa previsto para 1985, criando condições de manter vigilância suficiente, com a colaboração dos índios, para evitar a expansão das explorações garimpeiras na área;

2- que o Destacamento do BEF de Ericó seja orientado e autorizado a colaborar com o PV Ericó no trabalho de vigilância, equipando-se adequadamente para tal missão;


3- que sejam efetuadas expedições rotineiras (semanais, se possível) pelo BEF e FUNAI, com a presença dos índios Xiriana,

até a área atualmente ocupada pelos garimpeiros, no sentido de refrear seus interesses de expansão. A participação dos índios nessas expedições será de fundamental importância, pois demonstrará aos próprios garimpeiros um interesse cada vez mais fortalecido na defesa de seu território;

4- que a FUNAI inicie pressões para a retirada dos garimpeiros que já se encontram na área indígena acima do Igarapé Pacasibi. O argumento dos garimpeiros de que estão ali há cerca de 4 anos deve ter sua veracidade averiguada, pois os dados oficiais que subsidiaram a elaboração definitiva do perímetro do Parque Yanomami em 1984 não indicavam a sua presença acima daquele igarapé. Uma providência inicial seria conseguir do órgão competente da Aeronáutica, a data da instalação da Pista de Pouso localizada acima do Pacasibi, que não deve ser confundida com a outra pista, a do Garimpinho, que fica abaixo do igarapé.

Sem mais para o momento, coloco-me à disposição para eventual esclarecimento e colaboração.

Atenciosamente,


Marco Antonio Nazarin,
Antropólogo (CCPY e UFG)

(1) Há alguma confusão quanto ao nome do rio após o encontro dos rios Ericó e Uraricaá, pouco acima do PV Ericó. Em alguns mapas, os dois rios, depois de juntarem suas águas, recebem o nome de rio Uraricaá. Em outros, Ericó. Todavia, localmente, o rio é conhecido, após a junção, como rio Ericó. Para dirimir dúvidas, adoto aqui o critério local, isto é:

- Rio Uraricaá: rio somente acima do encontro com o rio Ericó;
- Rio Ericó: rio do mesmo nome antes e/ou depois do encontro com o rio Uraricaá.